Soledade

Maria da Soledade já chegou do interior gravemente comprometida com a civilização, já contraíra o vício de rádio de pilhas, já ouvia novelas, já suspirava pelos galãs, já usava todo um rico vocabulário de gíria e conhecia a importância do uso do desodorante. Não era que nem as outras de antigamente, fabricadas no sertão, exportadas ainda verdes para emprego nas cozinhas da capital, ignorantes de tudo, às vezes até da luz elétrica — e se deslumbravam com os bondes, com o cinema, com o mar, com o movimento, com o carnaval, com o ruído da cidade, com os carros, com as modas, com os homens. A mudança era tão brusca, a exaltação era freqüentemente tão grande que, num passo de mágica, quando menos se esperava, elas passavam da cozinha para o cabaré ou para a maternidade. Ah meu Deus e as explicações cínicas ou ingênuas, que muitas delas apresentavam para o novo estado, são antológicas.

Além de inteiramente "por dentro" de tudo, Maria da Soledade já vinha também terrivelmente trabalhada contra patroas, não admitia advertência, não ouvia conselho, era de seu natural estourada e resmungona. Sim que era boa cozinheira e trabalhava bem. Mas tirando isto, quando a mulher pretendia, por exemplo, adverti-la contra os perigos da cidade, a sedução dos marinheiros e pescadores — já que moravam na praia — a lábia dos

paqueras de todas as gamas, Maria da Soledade reagia da maneira mais insólita, soltava um muxoxo superior de desprezo, deixando entender que não tinha pedido sermão a ninguém, portanto se recusava a ouvir.

De entrada foi logo se definindo claramente: — "Olhe, dona, eu não agüento desaforo nem do meu pai". Pior é que o pai já era falecido, mas, de vez em quando, era invocado para testemunhar suas falsas juras e astúcias. Mentia com regalo dalma e se botava numa cruz: — "Ah, não! Eu não quebrei nada. Juro pela alma do meu pai". Outras vezes, quando carecia de mais veemência para suas afirmativas, usava um artifício mais amedrontador e mais convincente: — "Eu quero estar nas profundas do inferno, se fui eu".

Também não conheci nunca ninguém que agredisse mais a nossa decantada língua nacional, alguém que deturpasse mais palavras e expressões, que deformasse mais completamente o sentido das frases, que inventasse nome, como ela. Neste ponto era duma habilidade, duma imaginação, duma capacidade criadora impressionantes.

Mal tinha chegado quando, um dia, a patroa inaugurava um perfume francês e Soledade, encantada e indócil, não deixou escapar a oportunidade para sua observação pessoal, tirando onda de grande entendida: — "Ah, que beleza, eu gosto de perfume assim: bem estridente".

Outra vez recebeu de casa uma carta que só ela mesma era capaz de entender, escrita numa linguagem particular, numa caligrafia que nenhum grafólogo poderia decifrar. Mas, ao final da página, que ela foi lendo com emoção sempre crescente, soltou sua palavra de verdadeiro desespero: — "Minha Nossa Senhora, desta vez a minha mãe não tem escapação. Pelo que eu vejo, ela vai morrer".

E era charmosa o demônio da cunhã, tinha belas pernas, um gingar aliciante no corpo sinuoso, um balanceado que os manequins ainda não descobriram. E como de dia não lhe permitiam o uso da calça comprida, nos

serviços de casa, de noite ela descontava, saía vitoriosa a bater a calçada, feito "miss" em passarela. Vivia pulando de emprego porque, como ficou dito, não agüentava abuso, nem as patroas suportavam seus desaforos. Depois de muitas experiências aportou, finalmente, no apartamento dum casal sem filhos, ambos trabalhando fora. Quando a patroa lhe perguntou se não estava sentindo muito a diferença, o silêncio constante, a casa vazia o dia todo, ela que estava habituada a famílias numerosas, Soledade se explicou simplesmente: — "Qual nada! eu estou achando ótimo. Eu gosto é desta solenidade...".

Cada vez que se sentia apertada de dinheiros, recorria à primeira patroa, que por sinal era minha tia Creusa, a quem veio consignada do sertão. Achava que, como fora quem a mandara buscar (na enganosa esperança de estar admitindo uma funcionária definitiva para o seu fogão), tinha permanente obrigação com ela. Daí, vez por outra, mandava bilhetes, que terminavam sempre da mesma maneira dramática: — "Dona Creusa, não me falte que eu estou numa situação muito financeira".

Numa dessas mensagens teve a inesperada crise de consciência dos erros que cometera na sua linguagem esotérica, achou de se justificar com estas palavras de surpreendente humildade: — "Desculpe os erros que eu não sou poeta". E assinava: — "Da gentil senhorita Maria da Soledade".

Também se dava de aparecer sem nenhum motivo, ia só botar sua banca, só a fim de gabar-se das vantagens, da boa posição, da excelência dos patrões, que era esta uma forma indireta de diminuir toda a sua rica coleção anterior de patroas. E pontificava: — "Agora, sim, eu peguei uma família decente! A mulher é fina, trata a gente muito bem, é muito tratante mesmo".

O último bilhete que mandou era um tanto estranho, assim como uma despedida, levada com certeza pela idéia de que não devia desaparecer sem dar uma satisfação

a quem tantas vezes a tirara de apuros: — "Dona Creusa eu vou passar uns dias lá em casa, eu vou de ônibus que eu peguei um sistema nervoso".

A explicação sempre nos pareceu um pouco dúbia — fizemos conjecturas bastante ousadas, que Soledade não era de se deixar abater por doença dos nervos. Sei não, houve quem suspeitasse que ela tinha pegado outra coisa.

◈

Maria da Soledade reapareceu. Veio com um menino nos braços, como era de esperar, batizado com o nome de Jerry Adriani — o que, a meu ver, não foi direito, logicamente devera de se ter chamado Sistema Nervoso. Pois não foi "um sistema nervoso" que ela disse que tinha "pegado", quando se despediu com aquele bilhete mentiroso e dramático? Mas veio lépida, curada das mágoas do corpo e da alma, explicando que tinha sido tudo iludição da mocidade, falta de experiência (ela que debicava tanto dos conselhos) que o homem, por nome Joaquim, se dizia solteiro e alfaiate e não era nem uma coisa nem outra. De profissão é mesmo jardineiro e de estado civil é casado nos três — incluindo a polícia. O que ela realmente lamenta não é bem o fato em si, lamenta sobretudo não ser mais "de menor", porque aí, "aquele monstro" (é assim que o trata agora), ia fazer sua boa curtição na cadeia.

Depressa passa uma esponja no assunto, desconversa e retoma os antigos modos, tirando um pouco sobre a grã-fina, com a mesma incurável vocação para o delírio, aludindo as patroas generosas, ricas, distintas (ela adora este último adjetivo). Agora, além de todas as vantagens, pegou uma patroa que é de toque de violão — e informa, muito eufórica: — "Eu já estou ensaiando umas coisas, a mulher lá diz que eu tenho a voz muito boa, que posso até vencer no rádio. Um dia destes ela me ensinou uma canção em inglês que começa assim: "Capri, c'est fini"...

— e concluiu rapidamente a demonstração, depois de ter assassinado baixinho a letra e a música. Pediram que levantasse o tom, para que se pudesse apreciar melhor seus dotes, mas Soledade se recusou terminantemente: "Não vê que estou defluxada? Portanto, não tenho voz altiva!"

Parece mentira que ainda exista gente tão desligada da realidade, tão cheia de idéias falsas, falando em ir para o Rio, apresentar-se em programas de calouros na TV. Tem tanta confiança no seu "charme" — no que, aliás, não se engana muito — e tanta consciência de que o tempo é ingrato companheiro, que está vivendo uma faixa de danação muito evidente, querendo aproveitar todos os minutos.

Do dito filho Jerry Adriani ela já conta maravilhas nunca ouvidas, definindo em poucas palavras seu pequeno candidato a gênio: — "A memória deste menino é um cérebro! Com menos de um ano, entende tudo, só falta ler e escrever. Curioso é que, apesar de já lhe ter imposto uma vocação de cantor, esperando que venha a brilhar em palco e microfone, o menino, de aspecto triste, de olhar parado e pele amarela, não tem, no momento, lugar de muito prestígio. Indagaram como era que faria com a criança se fosse para o Rio, Soledade respondeu muito simplesmente: — "Eu vou deixar lá em casa, no sertão, com a mamãe. E do Rio eu mando de um tudo".

Não parou de falar, sempre descobrindo significação nova para muitas palavras, com o cuidado constante de passar uma cortina indevassável no passado. Só o presente e o futuro (este especialmente) lhe interessam. Em todo caso, informou que Jerry andou doente, a patroa se preocupou, pagou médico e tratamento e acrescentou, triunfante, dando conta da mais alta promoção: — "Nós fomos até num doutor chapista, ele fez uma chapa de datilografia nos pulmões, mas graças a Deus não deu nada".

A antiga patroa, visivelmente contrariada com os modos e idéias de Soledade, quis partir para o aconselhamento, mas foi interceptada oportunamente. Quando percebeu que lhe iam deitar sermão, Maria da Soledade atalhou, muito segura de si, que sabia o que estava fazendo, que a vida é muito curta para ser estragada em cozinha, que o seu sonho (ela disse "sonho dourado") era mesmo o Rio. Quem sabe, lá era que estava a sua felicidade. Falou tão superior que não ousaram mais uma palavra e como percebeu o silêncio pesado, reprovador, que se seguiu, tranqüilizou os circunstantes, como quem faz uma descoberta: — "E sabe o que mais? Com uma pílula que estão vendendo agora, a gente vai longe".

Voltou impossível, esta Maria da Soledade, muito mais cínica, os cabelos longos, pretos, corridos, batendo nos ombros, a boca pintada de cor agressiva, a mini-saia muito mínima, as colunas de pernas em cima de salto alto e as unhas bem cuidadas não denunciam gente que esteja habituada ao trato com as panelas. Foi pelas unhas que se passou a suspeita de que ela já abandonou a profissão de doméstica. Também porque, quando lhe perguntaram o endereço, Soledade enrolou, disse que os patrões construíram casa, vão se mudar semana que vem — que ela vai mandar sentar tudo, direitinho, num papel e vai trazer.

A ex-patroa, minha tia Creusa, preocupada, prolongou o questionário, incluindo, é claro, o capítulo da religião — se ela estava indo à missa e guardando os domingos. Pelas respostas se pôde ver que é uma católica muito fiel aos mandamentos de Deus e da igreja — a bem dizer uma santa. E quando alguém indagou se não tinha alguma pessoa em vista, para marido, mesmo que não fosse passado em papéis, um homem que lhe desse casa e situação matrimonial, Maria da Soledade respostou ofendida: — "Eu? Só se estivesse doida. Um que me propôs isto eu não quis. Eu não podia confiar na palavra dele; marcava um encontro, faltava; não tinha

vergonha, não tinha sentimentalidade. Não era sentimental que nem eu. Estes homens são uns doidos".

Assim foi o falar de Maria da Soledade — que partiu muito certa da sua vitória (eu ia dizer profissional) — bem, mas pode ser. Ainda não se sabe em qual profissão.

◈

Bem que o povo diz: tem gente pra tudo neste mundo — e ainda sobra.

A tarde caía mansa e bela, estava a minha praça muito calma, muito bonita, os passantes sem pressa, as babás acompanhando na avenida crianças mal saídas do banho, vestidas em roupinhas coloridas, os namorados começavam a encontrar-se — dava a impressão de que a humanidade inteira vivia um momento de paz definitiva com promessa de que ia tudo florescer em amor e querença, simpatia e perdão.

Tudo como Deus Nosso Senhor pregou. Até as sombras mornas que o sol ia deixando pareciam um convite, até o vento bom soprando da praia parecia uma bênção e as poucas palmeiras que da minha janela eu descobria, muito à distância, num quintal de casa, estavam festivas, balançando as palmas por cima do telhado. Tudo tão tranqüilo, tão belo, tão bom, tudo como naquele figurino do poema de Verlaine. O céu azul e sob o céu um sino dobrando lentamente. E como não havia pássaros nas árvores para completar o quadro, os daqui da minha casa entraram como personagens, desempenharam muito bem seu papel de jovens cantadores.

Foi nesta hora suave que entrou Maria da Soledade, com toda a violência dos seus verdes anos, insultante na sua pouca saia, agressiva no decote ousado, desembaraçada, falante como promotor em cima de tribuna de júri acusando, daqueles que tratam réu por "desalmado". Entrou sem pedir licença, fez uma parada dramática

diante do *bureau* em que eu me entretinha no preparo duma aula e falou. Falou como quem traz um discurso de cor, como quem vem com o propósito de desmentir a beleza e a paz da tarde que eu acabara de louvar intimamente, que eu ia bebendo e gozando cá dentro do peito, já começando a plantar um pé de melancolia, um pé de saudade indefinida, um vago desejo de ter junto de mim a mulher que nunca vi. Ou a outra, aquela que eu sei, a bem-amada.

Mas a mulher que veio foi Maria da Soledade, em corpo, sangue, alma e desaforo. Veio em figura de cobradora, certamente insinuada por alguém. Não vê que eu publiquei em letra de imprensa as duas estórias anteriores? Pois Soledade veio dizer que eu tinha de pagar pelo que dissera no jornal, que se eu pensava ganhar dinheiro à sua custa, estava muito enganado.

Deu-me gana de rir, no primeiro momento, prendi a boca, ainda mal refeito do susto, ofereci-lhe uma cadeira (que ela não aceitou), convidei-a para uma conversa — quase digo para um "diálogo", que ela era capaz de entender no seu analfabetismo "pra-frente".

— "Não senhor, retrucou, muito digna. Comigo não tem acordo. Ou o senhor me paga o que eu quero, ou levo o caso pra Justiça. Já falei com o meu advogado."

Como se vê, Maria da Soledade já tem de seu um advogado e usou com oportuna habilidade a palavra mágica, aquela que amedronta quando ameaça e deixa supor todo um cortejo de aborrecimentos — a citação, o processo, as testemunhas, a audiência, as provas, a figura severa do Juiz, o advogado da defesa.

— Mas quanto é mesmo que você imagina que eu lhe poderia dar pelas verdades que foram ditas, Maria?

Ah, vocês precisavam ver a figura soberba de Maria, pontificando na ponta do pé. Maria provocante, triunfante, bem falante, Maria insinuante, "charmante", sambante, na boca polpuda não tinha sorriso, os lábios carnudos mostravam-lhe os dentes, as mãos expressivas seguiam-

lhe a fala, um toque cigano nos brincos de argola, a blusa amarela colhia o pretume dos longos cabelos, um cheiro vulgar de essência e pecado invadiu a sala por todo lugar.

E as pernas? As pernas nervosas seguiam o compasso gingando com os quartos pra lá e pra cá. As pernas inquietas, ah pernas de danças, de muitas andanças, pernas que as tranças do mundo ensinaram. Ah pernas morenas de muitos olhares, andadeiras pernas de muitas calçadas, dançadeiras pernas de muitas festinhas, as pernas já vistas em tantas gafieiras, oh pernas feiteiras de muitas saudades, só vendo se sabe o que são estas pernas, as andejas pernas, as pernas morenas desta Maria da Soledade.

Maria era todo um monumento de desafio verbal e físico, Maria da Soledade era uma agressão viva na defesa do seu nome, já tão estragado.

— Quanto é mesmo, Maria, que você quer?

E Maria, muito vedete, cobrando o seu cachê: — Não aceito menos de mil...

Bem que o povo diz: tem gente pra tudo neste mundo — e ainda sobra.

Aí eu apelei para a saída do humor:

— Maria, e você não andava na Gafieira do Gato Malhado?

E Maria, muito senhora: — Ah, sim, eu não nego. Mas lá só entrava moça.

— E como era que você entrava?

Foi nesta hora que Maria se perdeu na resposta: — Porque eu era amiga do gerente...

— E você não foi expulsa duma festa em Massapê, porque acharam que você não era direita?

— É verdade, mas foi tudo fofoca de gente que tem mau vontade comigo.

Então me defendi: — Mas Maria, eu não disse nada demais, até a elogiei bastante. Falei apenas que você teve um filho, não é certo? Aí invoquei o espírito do poeta cearense Soares Bulcão em meu favor, escrevi no

papel a quadrinha salvadora, tão conhecida e lhe disse que a entregasse ao seu advogado:

"Maria da Soledade,
tenha juízo, me deixe,
se aparecer novidade,
você de mim não se queixe."